O Concílio e o terremoto na Igreja

Irene Bertoglio

NOTA DA MONTFORT:
O grande terremoto causado pelo Concílio Vaticano II, encerrado há 45 anos, ainda causa danosas e terríveis convulsões na Igreja e no Mundo, como bem analisa a escritora italiana Irene Bertoglio, cujo artigo - ***O Concílio e o terremoto na Igreja*** - publicamos abaixo.
O anúncio do Concílio Vaticano II, feito pelo Papa João XXIII, surpeendeu a todos. Mons. Montini, por exemplo, então Arcebispo de Milão, comentou surpreso com seu secretário: "o *Papa não sabe em que vespeiro está se metendo"*.
Nesse *'vespeiro'*, confuso e intrincado, havia de tudo: desde os poucos que queriam manter e reafirmar a doutrina de sempre ao extremo oposto, os Modernistas, que batalhavam por reformas profundas. Entre estes dois campos, havia a grande maioria de bispos 'moderados' que apoiavam tanto manter certas teses de sempre, como julgavam aceitáveis certas reformas, servindo, assim, a *dois senhores*.
Com isso, a vitória final da ala Modernista naquele Concílio ficou patente já na primeira reunião, quando as teses da Cúria foram eliminadas da pauta das discussões e substituídas pelas teses revolucionárias do Modernismo [vide ***O Reno se lança no Tibre,*** Pe. RALPH M. WILTGEN - 1967].
Como afirmou Jean Guitton, amigo íntimo de Paulo VI:
"Quando leio os documentos concernentes ao Modernismo, tal como ele foi definido por São Pio X, e quando os comparo com os documentos do Concílio Vaticano II, não posso deixar de ficar desconcertado. ***Porque o que foi condenado como uma heresia em 1906 foi proclamado como sendo e devendo ser doravante a doutrina e o método da Igreja.*** *Dito de outro modo, os modernistas em 1906 me aparecem como precursores. Meus mestres faziam parte deles [os modernistas]. Meus pais me ensinavam o Modernismo. Como São Pio X pode repelir os que agora me aparecem como precursores?'* (Jean Guitton, ***Portrait du Père Lagrange***, Éditions Robert Laffont, Paris, 1992, p.55-56).
O artigo abaixo constata diversos setores da Igreja hoje abalados pelo terremoto daquele Concílio pastoral.

O Concílio e o terremoto na Igreja

Irene Bertoglio
12/06/2010
Fonte: http://www.papanews.it/dettaglio_approfondimenti.asp?IdNews=14827
CITTA' DEL VATICANO - Se a sociedade civil sentiu os primeiros movimentos telúricos em 1968, **a Igreja entrou no clima de revisão pelo menos 6 anos antes, com o Concílio Ecumênico Vaticano II**, iniciado em 1962 e encerrado em 1965. **E com a renovação** (**compreensível e, em certos apectos, aceitável e necessária**) surgiram os primeiros sinais do **terremoto que estava explodindo**.
Alguém, com muito mais autoridade do que eu, já denunciara as modificações tentadas e feitas para mudar a rota da Igreja: uma visão teológica diferente de Deus, de **Jesus Cristo, da Igreja e do homem,** uma atitude pastoral diferente na relação Igreja / mundo **e na relação entre a Igreja católica e as outras confissões cristãs ou entre a Igreja católica e as outras religiões, um modo diferente de conceber a disciplina.**
Em maio de 1989, o presidente da C.E.I., o **Cardeal Ugo Poletti, preocupado** ***e conseqüentes divisões no organismo clerical***". E ainda: ***"As preocupações referem-se particularmente aos alunos dos nossos seminários e institutos religiosos, aqueles que amanhã serão os nossos novos sacerdotes, e que certamente não recebem hoje de alguns dos seus mestres um exemplo formativo, sob o perfil da teologia, da espiritualidade e do senso da Igreja*"**.** com o que **sessenta e três especialistas em**

ciências eclesiásticas escreveram para a Igreja italiana, notou "***profundas alterações no conteúdo da fé católica***
Pergunto: **se os bispos italianos não se limitassem somente a algumas lamentações sem efeito, a choramingas sem conseqüências**, **se tivessem tomado a decisão corajosa e dolorosaNo entanto, o terremoto agora permanente do qual a Igreja é vítima há 40 anos**, foi veiculado nas novas gerações de padres mal formados nos seminários: a infecção que estes **contraíram nos anos da sua formação (ou deformação!), transmitiram-na, depois, nas suas paróquias.** , **mas necessária, de desinfetar os seminários, não teriam saído novos seminaristas em plena sintonia com a doutrina, com as diretivas e com as necessidades da Igreja?**
Hoje muitos bispos não governam mais a Igreja: diante de certos comportamentos gravíssimos de alguns padres, limitam-se a algumas amargas constatações e a piedosos conselhos, e nada mais. Parece que se envergonham do poder do governo, como se fosse um sinal de dureza do coração.
Não governam por temer os contra-golpes que certamente receberiam de uma base (e estou falando de sacerdotes) agora já anárquica e ingovernável. Governar significa fazer Leis, obrigar a respeitá-las e punir quem as viola.
Jesus fundou a sua Igreja sobre três "pernas". O poder de ensinar, o poder de santificar e o poder de governar. Tentar deixar a Igreja em pé só sobre duas pernas, sem o poder de governo, é pura e danosa ilusão. E **a anarquia presente hoje na Igreja o demonstra amplamente**
Quando até sacerdotes favoráveis ao aborto (e portanto assassinos) ficam impunes, qualquer outro rebelde sabe que terá garantida a impunidade. Se um padre cuspir no rosto de Cristo com heresias e revoltas sistemáticas, algum bispo está imediatamente pronto a invocar a caridade, a paciência, a necessária compreensão em relação a um irmão que se engana, a capacidade de saber aguardar um seu arrependimento... Se fosse preciso, por que renunciar a chamar a atenção também dos bispos? É S. Paulo que nos ensina a fazê-lo, criticando nada menos que o apóstolo Pedro, chefe da Igreja, e primeiro Papa, *"de simulação, de hipocrisia, de comportamento não reto conforme a verdade do Evangelho"* e o corrige *"na presença de todos"* (Gal 2, 11-14).
É o caso de meditar atentamente sobre quanto escreveu João-Paulo II falando de si mesmo: "***Ao papel de Pastor faz parte também a advertência. Acho que, neste aspecto, talvez fiz muito pouco...Talvez devo reprovar-me por não ter procurado suficientemente dar ordens. Até certo ponto, isto deriva do meu temoperamento. Se o bispo diz: " Aqui quem manda sou eu", ou então, " Eu estou aqui para servir" falta alguma coisa: ele deve servir governando e governar servindo".***
A crítica é um bem quando nasce do amor à Igreja e da vontade de melhorar os nossos Pastores. E quando se critica a sua atuação não é baseado em nossos critérios, mas nos critérios de Jesus Cristo. Se um bispo não remove um padre abortista ou herege, os outros padres e todos os fiéis, embora sofrendo, não podem fazer nada. Este pecado de omissão permitiu aos lobos de permanecer imperturbáveis no meio do rebanho e prejudicar as ovelhas indefesas.
Estou consciente de que quem apresenta qualquer objeção em relação ao Concílio é imediatamente atacado como rebelde à Igreja. Mas, sem dúvida, é evidente que algumas coisas pouco claras ocorreram neste bendito Concílio Ecumênico Vaticano II. O Papa Paulo VI teve a honestidade de reconhecer a espantosa tempestade em que a Igreja navega: "***Em muitos setores, o Concílio não nos deu até agora a tranqüilidade, mas ao contrário provocou inquietações e problemas não úteis ao restabelecimento do Reino de Deus na Igreja e nas almas [...] Grande parte dos males não investem contra a Igreja do lado de fora, mas a aflige, a enfraquece a corroi por dentro".***
As dimensções do estrago, Montini a denuncia quando diz: " ***A fumaça de Satanás entrou no templo de Deus... Esperava-se que depois do Concílio viria um dia de sol para a história da Igreja. Mas, pelo contrário, chegou um dia nublado, com tempestades e trevas***"
Para completar, o padre holandês **Edward Schillebeeckx**, afirmou sem hesitações: "***No Concílio, nós usamos palavras equívocas e não sabemos o que depois nós ajustaremos".***
E João Paulo II se alia à denúncia ao lamentar: *"É preciso admitir realisticamente e com dor que grande parte dos cristãos de hoje se sentem perdidos, confusos, perplexos e até desiludidos, se se difundiram fortemente idéias contrárias à verdade revelada e sempre ensinadas; se se propagaram verdades e até heresias no campo dogmático e moral, criando dúvidas, confusões, rebeliões; prejudicou-se também a liturgia. Imersos no relativismo intelectual, moral e , portanto, no*

permissivismo, os cristãos são tentados pelo ateísmo, pelo agnosticismo, pelo iluminismo vagamente moralístico, por um cristianismo sociológico, sem dogmas e sem moral objetiva"
São responsáveis aqueles teólogos que, nas faculdades universitárias, até pontifícias, e nos seminários, há anos ensinam verdadeiras e próprias heresias ou deixaram no silêncio verdades incômodas (inferno, purgatório, mandamentos, castidade, penitência, indulgências...). São responsáveis aqueles pastores de alma que, na catequese e na pregação, não levam em conta as normas da Igreja no campo litúrgico e disciplinar. E responsáveis são também aqueles leigos que se conformaram com as bobagens de certos Pastores sem protestar. É o mesmo Bento XVI que nos exorta: ***É tempo de reencontrar a coragem do anticonformismo, a capacidade de se opor e de denunciar muitas tedências da cultura que nos nos circunda. Renunciando a certa eufórica solidariedade pós-conciliar".***
Em poucas palavras, o Pontífice reinante, no encerrametno do Ano Sacerdotal, afirmou. *"* ***a Igreja usa o bastão contra os sacerdotes indignos****".* Esperemos que esta sábia advertência não caia no vazio.

Para citar este texto:

Bertoglio, Irene - *"**O Concílio e o terremoto na Igreja**"*
MONTFORT Associação Cultural
http://www.montfort.org.br/index.php?secao=veritas&subsecao=igreja&artigo=concilio-terremoto
Online, 12/05/2014 às 18:01h